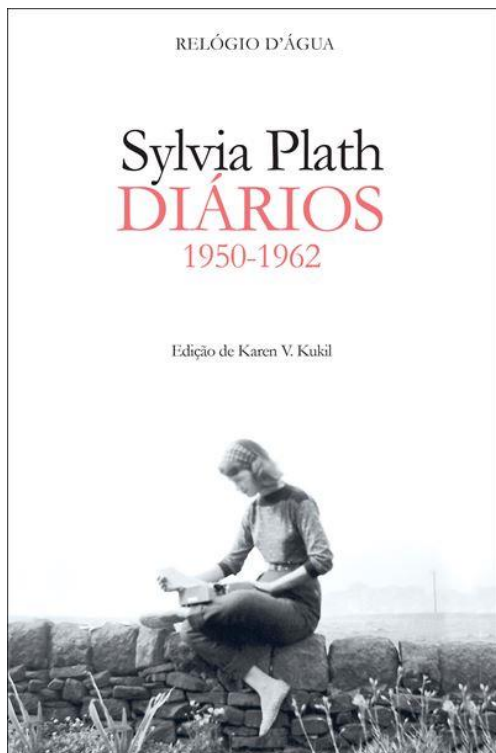


1. Sugestão de um diário.

Inicialmente, pensei em sugerir títulos como *Cadernos de Lanzarote*, de Saramago, *Diários*, de Miguel Torga, *Diários*, de Al Berto, *O Diário de Anne Frank*, ou *O Diário de Zlata*, entre outros. Mas fomos pedidos pelos formadores que procurássemos um diário que fosse ao encontro dos gostos literários dos nossos alunos e não dos nossos próprios gostos literários. Por isso, em aula, questionei uma turma de 11º ano, onde se encontram algumas boas leitoras. Reconheceram que não têm o costume de escolher diários para leitura autónoma; a maioria não indicou nenhum título, outros apontaram alguns dos títulos acima referidos. No entanto, para minha surpresa, duas alunas sugeriram a obra ***Diários, de Sylvia Plath***. No primeiro semestre, no âmbito do projeto de leitura, tinham apresentado à turma *A Campânula de Vidro*, de que tinham gostado muito, e posteriormente uma dessas alunas descobriu os *Diários*, de Plath, que, entretanto, começara a ler. Parece-me que esta aluna, a Júlia, encontrou uma porta para a casa dos livros. Fiquei feliz. É, por este motivo, que trago esta proposta.



Diários de Sylvia Plath, publicados postumamente, são uma coletânea de testemunhos íntimos da escritora americana, escritos desde sua juventude até pouco antes de sua morte.

Mais do que oferecer apenas o relato de episódios da vida da autora, registam as suas reflexões, emoções e lutas pessoais, o seu “patético caos pessoal”, que é também o de muitos de nós. Num registo sincero, aborda temas como a saúde mental, a condição feminina, as aspirações de perfeição literária, estratégia para lidar com as dores do mundo. Nestes apontamentos, revela-se uma mulher complexa, à frente de seu tempo, desafiando normas sociais, enquanto lutava contra suas próprias fragilidades, numa procura do autoconhecimento.

Fragmentos:

- “Escrever é uma forma de me encontrar, de me compreender melhor. É através das palavras que posso explorar os meus pensamentos, as minhas emoções, os meus anseios mais profundos. A escrita permite organizar-me e dar sentido àquilo que sinto, tornando-me mais próxima de mim mesma”.
- “Sinto-me como se vivesse numa caixa de vidro, observando o mundo passar diante de mim, separada por uma barreira invisível. Não consigo conectar-me verdadeiramente com as pessoas, com a realidade. É como se o meu espírito estivesse aprisionado, incapaz de alcançar o que está lá fora.”

2. Produção escrita da página de um diário – Aconteceu-me no ano passado...

Num dia de dezembro de 2023

Hoje, eu e os meus primos decidimos ir à pista de gelo de um centro comercial. Era a estreia dos dois miúdos da família na patinagem sobre o gelo, e tanto a Laura como o Dinis estavam entusiasmados com a experiência.

Depois das dificuldades iniciais, os dois miúdos deslizaram na pista, hesitantes, mas felizes, como se tivessem nascido para aquilo. Eu e as minhas primas tínhamos optado por ficar na segurança do exterior, a observar e, claro, a fotografar, filmar, comentar. Os nossos olhares, até aí, estavam todos focados nos dois miúdos, que seguíamos atentamente, para registar a aventura e com algum receio que se magoassem. Mas a cada queda o Dinis e a Laura lá se levantavam, riam e seguiam em frente com leveza, como se não fosse nada. E nós ríamos também, aliviadas e orgulhosas da coragem dos pequenotes.

Entretanto, o meu primo Vítor, pai da Laura, desde o início tinha entrado também no ringue, para acompanhar as crianças; era preciso, dizia ele cheio de confiança, para não se aleijarem! A certa altura, demos conta que o havíamos perdido de vista. O Vítor não seguia com as crianças. Percorremos o recinto com o olhar e, no meio da multidão, lá o descobrimos, bem ao fundo, ainda perto da entrada, agarrado desesperadamente às bordas do recinto de patinagem, como um náufrago a uma boia. Sempre que tentava largar esse corrimão, deslizava cambaleante uns centímetros, mas, sem conseguir manter-se de pé, lá o víamos noutra queda espetacular e a arrastar-se, ajoelhado, novamente até à borda da pista, onde tentava erguer-se mais uma vez, a custo. Esteve assim uns largos minutos, coitado. Estava todo suado, vermelho como um tomate que parecia prestes a explodir. Provavelmente, sem a ajuda de um prestável e paciente funcionário do recinto, o Vítor continuaria ali plantado, exausto, sem avançar nem recuar, enquanto era ultrapassado por adultos e crianças que o olhavam com um misto de incredulidade e divertimento. A nós, mulheres, fulminou-nos com o olhar, assim que percebeu que chorávamos, contorcíamos-nos de tanto riso, incapazes de ajudar.

O resgate do pai da Laura, que ficou imortalizado num pequeno vídeo, foi assunto para o resto do dia, todos rindo disso, incluindo o próprio. Foi uma tarde divertidíssima e inesquecível, como são quase todos os momentos em que ele está presente. O pai da Laura é um desastrado inocente, com a tendência a proporcionar espetáculo, dentro do próprio espetáculo. Antes deste, na pista de gelo, o anterior foi num circo, onde acidentalmente destruiu parte do cenário. A vida em família é quase sempre uma grande festa.